2.ª SERIE. TOMO V.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

NUM. 46. QUINTA FEIRA, 26 DE MAIO DE 1853. **12.º ANNO.**

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

DESCOBRIMENTOS SCIENTIFICOS DO SECULO XIX.

Galvanoplastica e a douradura chimica.

(Continuado de pag. 65.)

O objecto da galvanoplastica é obter, por meio da pilha voltaica, sobre um objecto dado a precipitação de um metal dissolvido n'um liquido, de maneira que se forme na superficie deste objecto uma camada contínua, porém não adherente, que reproduza todas as feições do modelo. Se a deposição é feita interiormente consegue-se a reproducção do interior do modelo, e a capa que assim se formou é destinada a servir de molde. Se a deposição foi externamente, tem por effeito attrahir sobre este molde a precipitação de uma nova capa metallica, que separada do molde é a reproducção exterior do typo primitivo.

Para provocar a corrente electrica e para receber o deposito metallico, podem servir dois apparelhos, o simples e o composto. No primeiro, o objecto destinado a ser reproduzido faz parte da copula voltaica que deve provocar a corrente. No segundo, a corrente voltaica produz-se fóra do liquido a decompor, e o molde é simplesmente ligado ao polo negativo da pilha por um fio conductor.

O apparelho simples commumente empregado é um vaso de vidro contendo a dissolução metallica a decompor; sulphato de cobre, por exemplo, se é cobre que se quer reduzir. No centro deste primeiro vaso acha-se um segundo vaso de porcelana que mergulha no liquido e contém acido sulphurico dilatado 12 a 15 vezes o seu pezo d'agua: põe-se no acido sulphurico uma lamina de zinco que se faz communicar, por meio de um arame de cobre, com o molde que se acha depositado no fundo do vaso de vidro contendo a dissolução do sulphato de cobre. A copula voltaica gerada pelo contacto do cobre e do zinco dá origem a uma corrente electrica fraca e contínua que provoca lenta e gradualmente a reducção do metal. O cobre precipitado vem depor-se pouco a pouco no molde posto no polo negativo, e ao cabo de alguns dias modelando-se nas diversas escabrosidades da superficie produz uma camada metallica que é a contra-prova perfeita do original. Como a dissolução de sulphato de cobre se esgota á proporção da reducção de uma parte do metal, conserva-se n'um grau constante de saturação, ajuntando de tempo a tempo ao liquido cristaes de sulphato de cobre. Este pequeno apparelho, muito usado para a reproducção galvanica dos objectos de pequena dimensão, é o empregado nos cursos de chimica para a demonstração das operações da galvanoplastica. É conhecido pelo nome de *electrotypo de Spencer*.

O apparelho composto consta de duas partes; o vaso em que se effectua a deposição do metal, e a pilha voltaica posta fóra do liquido. As disposições adoptadas para a construcção das pilhas usadas na galvanoplastica variam muito. Seria superfluo descrevel-as circumstanciadamente. Diremos só algumas palavras da pilha de Mr. Smée, mais usada em Inglaterra, e de Mr. d'Archereau, de que se servem quasi exclusivamente os francezes.

A pilha de Mr. Smée, formada de um só ou de muitos elementos, compõe-se de uma lamina de prata coberta de outra de zinco. Este systema mergulha n'um liquido formado de acido sulphurico dilatado em agua. É terminado por dois fios metallicos que constituem os seus dois polos. É, pelo que se vê, um apparelho de grande simplicidade; porém, empregando-se muitos pares delles, vem a ser bastante dispendioso, e por isso não se tem propagado o seu uso na industria.

A pilha de Archereau, usada em França para as operações da galvanoplastica, douradura e prateamento, não é mais do que uma modificação vantajosa das pilhas de Grove e de Bunsen. Em cada um destes instrumentos, a fonte donde se deriva a

electricidade é uma acção chimica, e não o simples contacto de dois metaes. Esta pilha consta de um vaso de vidro contendo uma chapa circular de zinco que mergulha em acido sulphurico atenuado. No centro deste vaso e no meio do liquido acido que contém, existe segundo vaso de porcelana não envernizado, e por consequencia poroso e permeavel aos gazes. Introduz-se neste cylindro de porcelana acido azotico. O gaz hydrogeneo formado pela reacção do acido sulphurico sobre o zinco atravessa a separação porosa da porcelana e vem reagir sobre o acido azotico, que decompoem formando agua e gaz hypo-azotico. Esta dupla reacção provoca um despego consideravel de electricidade. Para trazer ao exterior a electricidade assim originada, adapta-se á chapa de zinco um conductor metallico, que constitue um dos polos da pilha, e mergulha-se no acido azotico um grosso pedaço de carvão de coke, corpo muito bom conductor do fluido electrico, que se faz communicar com um fio metallico destinado a representar o outro polo.

O vaso em que se deve effectuar a decomposição gerada por uma dessas pilhas não offerece disposição alguma que seja necessario indicar. Contém liquido salino a decompor, sulphato de cobre, cyanuro de prata dissolvido em cyanuro de potassium se é cobre ou prata o que se propoem reduzir; a forma deste vaso é indifferente. Prende-se ao polo positivo da pilha mergulhando-se no liquido um *anode*, isto é uma lamina de cobre, ou de prata operando-se com um sal de prata. O metal ligado ao polo positivo dissolve-se, á medida que caminha a operação, em quantidade quasi egual áquella que se acha reduzida pela corrente.

O emprego de um apparelho composto tem todas as vantagens, e só com elle se poude dar ás operações galvanoplasticas a extensão e variedade que tem hoje adquirido. O *anode* que contém permitte entreter a dissolução salina n'um estado constante de saturação, circumstancia mui util para o bom resultado. Fazendo uso de elementos voltaicos mais ou menos completos e energicos, mais ou menos numerosos, póde obter-se uma corrente, animada de todos os possiveis graus d'intensidade. Finalmente, este apparelho permitte augmentar quanto se quizer o volume das peças reproduzidas; e basta para isto pôr o liquido em vasos da dimensão conveniente; pelo que não ha limites para a forma e tamanho do objecto que se pertende reproduzir.

As operações galvanoplasticas offerecem na pratica quatro circumstancias essenciaes de que depende o bom resultado, e que infelizmente ainda não estão perfeitamente elucidadas. Vem a ser — a intensidade da pilha para as differentes disoluções — o grau de concentração do liquido e a sua conductibilidade electrica — a sua temperatura — finalmente, a disposição e grandeza relativas entre os dois electrodes, isto é, entre a placa de cobre fixa no polo positivo e o molde que termina no polo negativo. Estas quatro circumstancias podem dar, variando segundo os casos, resultados mui differentes, e o habito fornece aos operadores regras muito mais seguras do que todos os principios vagos que até agora se tem pertendido estabelecer.

Para obter um cunho galvanoplastico, em geral não se opera sobre o proprio objecto, que poderia correr o risco de se deteriorar pela demora em liquidos corrosivos; de ordinario toma-se um molde sobre o qual se opera a reproducção. Os moldes empregados são feitos com um metal ou com uma substancia plastica, que se torna conductora da electricidade, recamando-a de uma capa delgadissima de plombagine ou de um pó metalico. O metal empregado para a confecção dos moldes é a liga fusivel de Darcet, a solda dos que fazem balas de chumbo, ou a liga dos clichés de estampas, que é muito mais dura. Porém, de ordinario, servem-se de moldes de gesso, que no começo do trabalho se fazem impermeaveis á agua mergulhando-os em estearina derretida. Estende-se depois sobre a sua superficie com um pincel uma leve demão de plombagine destinada a tornal-a conductora. Para estabelecer a communicação entre o molde e o polo negativo da pilha, cerca-se o molde com uma faxa de cobre. Tal é o complexo das operações que se executam na maior parte das operações galvanoplasticas. As suas principaes applicações são as seguintes.

Para reproduzir uma moeda ou uma medalha, póde operar-se de duas maneiras. Trata-se directamente sobre a medalha que se quer reproduzir collocando-a no polo negativo, depois de haver tomado as precauções sufficientes para impedir a adherencia da reproducção com o original. Estas precauções consistem em passar sobre a medalha uma camada excessivamente leve de uma substancia oleosa tal como o azeite, a cera, a stearina, o sebo etc. Obtem-se assim em vasio um cunho ou estampa sobre o qual se opera novamente para se ter a reproducção em relevo. Tira-se a estampa da peça com gesso ou uma liga fusivel; deste modo a operação galvanoplastica reproduz immediatamente um relevo. — Quando se opera directamente sobre a medalha, é necessario recamar de stearina o reverso, sobre o qual não deve existir deposição; poem-se depois em relação com o polo negativo mediante um fio de metal fixado sobre o seu contorno. O reverso é produzido mais tarde e do mesmo modo cobrindo de stearina a face já estampada. Cincoenta ou sessenta horas de immersão dão á deposição a espessura conveniente. Acabadaa operação, separa-se a peça do molde, ao qual está pouquissimo adherente.

Reproduzem-se desta maneira os sinetes, brazões e sellos, operando sobre cunhos ou estampas tiradas em gesso ou stearina. Pelos mesmos processos se recama de cobre um figurino ou pequena estatua, um grupo ou qualquer outro objecto executado em gesso. O apparelho de mr. Spencer, que foi vendido em Paris com o nome de electrotypo privilegiado, e que descrevemos tratando dos appare-

lhos simples é muito commodo para as reproducções desta casta. Todavia é uma operação assaz pueril. Cobrir de uma capa de cobre uma figurinha ou um medalhão de gesso, não satisfaz designio algum de utilidade especial, e nenhum resultado dá em relação á arte.

Cobrindo de cobre, da mesma maneira, fructos, legumes, folhas e outros productos naturaes podem-se obter alguns ornatos curiosos, porque conservam e trasladam exactamente a fórma e todos os toques mais delicados do objecto galvanisado. Para reproduzir, por exemplo, uma pera ou outro pomo, uma folha d'arvore etc., esfrega-se o fructo com plombagine, enterra-se-lhe no pé ou na corôa um pequeno alfinete; liga-se este alfinete com um fio que communique com a pilha, e mette-se o fructo na solução já descripta. Terminado o acobreamento, tira-se o alfinete que deixa um buraquinho, por onde os succos do fructo podem evaporar-se.

Digamos comtudo que estas especies de acobreamento são de completa inutilidade, e nada proprias para dar a medida da perfeição e delicadeza das operações galvanoplasticas. Lembra-nos ter visto, no vestibulo do Instituto, um specimen assaz curioso dos productos desta arte singular. Mr. Soyer conseguira cobrir de uma camada de cobre o cadaver de uma creança recem-nascida. Postoque o resultado fosse de inteiro exito, era um espectaculo nauseabundo. E havia alli quem dissesse que por esse meio se alcançaria erigir aos homens illustres estatuas de similhança authentica.

Passaremos a dizer como a galvanoplastica fornece á arte do fundidor applicações de mais elevada importancia, destinadas a terem de futuro consideravel desenvolvimento.

(Continúa.)

ABAIXO A RODA DOS EXPOSTOS:

Honramos hoje as columnas da REVISTA com o artigo que o nosso collaborador e amigo o dr. Thomaz de Carvalho dedicou á importante questão dos expostos. Não estamos de accordo com a providencia que o titulo do artigo aconselha, e felizmente tambem as conclusões do mesmo artigo não concordam com esse titulo. Mas ainda quando tudo quanto ahi está escripto desde a primeira linha até á ultima fosse contrario á nossa opinião, nessa mesma hypothese confessariamos que esse artigo é bastante para acreditar o nome que o assigna, porque o talento e o estudo lhe facultam essa honra: e diriamos como aqui dizemos, que elle fica registado nas paginas dos periodicos portuguezes, como uma pagina selecta que terá de illustrar no futuro a historia do nosso jornalismo.

Entraremos na questão com as nossas debeis forças, sendo o nosso parecer que se deve reformar e não destruir.

S. J. RIBEIRO DE SÁ.

Desde o momento em que fui encarregado da direcção da enfermaria de Santa Barbara do hospital de S. José, entendi que havia uma reforma a introduzir na sua organisação. A grande facilidade com que as mulheres gravidas são admittidas naquella enfermaria, a quantidade de crianças, que annualmente são enviadas para a misericordia de Lisboa, foram os dois factos que immediatamente me impressionaram, e sobre que dirigi a minha reflexão. Tendo nestes ultimos tempos a auctoridade superior do hospital de S. José desenvolvido tanta energia e empregado tamanho rigor para restringir as admissões, maravilhou-me e espantou-me a frouxidão dos regulamentos, que assim deixavam as portas francas e patentes, a toda a hora do dia e da noute, a qualquer mulher que no hospital queria vir dar á luz o fructo do seu ventre. Era impossivel que não houvesse razões maiores para similhante procedimento; não era de crer que os factos, que me impressionaram, não tivessem egualmente provocado a attenção da provedoria, e que, empregando em todos os outros ramos da administração do hospital o seu zelo e sollicitude, só a respeito daquelle deixasse de providenciar.

Bastou-me, porém, recorrer aos regulamentos do estabelecimento, e á pratica immemorial nelle seguida para dar com a rasão do facto que eu lamentava.

A enfermaria de Santa Barbara não pertence unicamente ao hospital, é a clinica de partos da escóla medico-cirurgica, e como tal dirigida por um de seus professores. Para o estudo é preciso que as mulheres gravidas sejam admittidas em todos os mezes da gestação; e a auctoridade administrativa dando-lhes entrada vae de accôrdo com as exigencias escolares. Mas quando mesmo o hospital de S. José estivesse completamente desligado e separado da escóla, a pratica antiquissima, e outras rasões de conveniencia publica recommendavam que se continuasse no uso estabelecido. Effectivamente, consultando os antigos regimentos vê-se que no hospital de Todos os Santos, por dois successivos incendios destruido, não sómente as mulheres gravidas eram admittidas com tanta facilidade como agora o são, mas que ainda o hospital se encarregava da criação dos filhos expostos e abandonados, de que muito depois foi incumbida a misericordia de Lisboa. Com esta transferencia não cessou a facilidade nas admissões, antes continuou perpetuando-se como obrigação do hospital. Quaesquer que fossem as rasões economicas, os motivos puramente administrativos que podessem lembrar para restringir a grande elasticidade dos regulamentos, e cortar os abusos della dependentes, outras considerações de origem superior os fizeram manter em toda a sua plenitude.

Quando S. Vicente de Paula, o evangelista da caridade, fundava em Paris um hospital para as mulheres gravidas á custa das esmólas dos fieis, que elle proprio pedia de porta em porta, já em Portugal a

munificencia dos nossos soberanos tinha criado uma similhante fundação. Miguel de Contreiras, o confessor da rainha D. Leonor, que tantos e tão perennes monumentos deixou nestes reinos da sua ardente caridade, não foi inferior em espirito piedoso, e amor do proximo ao santo varão francez. A sua influencia no animo da virtuosa esposa de D. João II de certo concorreu para as grandes obras de misericordia, que ella concebeu e criou para allivio da miseria.

A maior parte das mulheres gravidas que recorrem á beneficencia do hospital são desgraçadas cuja pobreza não consente as despezas necessarias durante o recolhimento a que as obriga o parto, nem as precisas para a criação do filho. Outras vem ao hospital esconder a vergonha de um amor clandestino, cuja infeliz consequencia desejam occultar aos olhos de um mundo curioso, sempre prompto a castigar com o desprezo ainda as mais innocentes victimas de uma fatal inclinação. Algumas emfim recolhem-se á enfermaria unicamente com o fim de se desembaraçarem do fructo da concepção, que não desejam nem querem criar. Para honra da humanidade é grato confessar, que estas são as que em menor numero entram as portas do hospital.

Que hade fazer a administração em presença de tão deploraveis circumstancias? Deverá fechar o estabelecimento a toda a mulher, que não tiver, para reclamar a sua admissão, senão o titulo de gravidez! Será esta grande facilidade uma exageração dos piedosos sentimentos, que em vez de remediar o mal, o esteja, porque assim me exprima, como provocando e animando! Será por ventura justo e rasoavel gastar em consequencia de taes admissões uma somma consideravel por anno, que se podera empregar n'outras obras de egual consideração!

Todas estas ponderações são fortes, e merecem de certo o estudo da administração: entretanto convém apontar egualmente os prejuizos e consequencias que a alteração dos actuaes regulamentos póde trazer e produzir. Em primeiro logar o governo de enfermaria pertence á administração simplesmente na parte economica, o resto é da competencia da escóla medico-cirurgica, que em beneficio do estudo, da sciencia, e da humanidade não póde prescindir da admissão de mulheres gravidas em todas as estações do anno. Depois, quando mesmo a escóla não estivesse ligada ao hospital, não se vae assim de encontro repentinamente á pratica estabelecida, aos usos e costumes, que, tendo inconvenientes, apresentam por outro lado vantagens, que cumpre não desvanecer. Como hade o hospital fechar as suas portas á pobreza, fazendo-lhe um crime da falta de meios que a obriga a recorrer á beneficencia publica? Quem imagina a que lamentosas consequencias não fica exposta a mulher, que tendo apenas um alvergue escuro, humido e insalubre, onde depositar o fructo de seu ventre, se vê constrangida a passar, longe de todos os soccorros humanos, os primeiros tempos de um estado que, não sendo positivamente uma enfermidade, póde causar os mais temerosos resultados, se não fôr continua e caridosamente vigiado! Nem todas as mulheres pobres concebem de amor illicito, e com que direito negar á indigencia honesta a consolação nos seus soffrimentos, o allivio nas suas dôres! Mas quando mesmo a concepção seja o effeito de laços illegitimos, quem não vê quanta miseria, e muito mais miseria que aquell'outra, póde ter havido nessa união, que a moral de certo reprova, mas que a caridade lamenta e deve soccorrer! Castigaremos com indifferença e desprezo a innocencia seduzida e abandonada do mesmo modo que o vicio escandaloso e devasso! Exporemos á reprovação publica o erro humilde, e talvez arrependido, do mesmo modo que accusamos o delicto immundo e pertinaz? Não póde ser. A lei moral reprova em these certas acções, que a caridade christã considera apenas como fraqueza da organisação humana: e seria o cumulo dos absurdos querer legislar contra a Providencia.

Em quanto a sociedade se mantiver sobre as bases actuaes da sua constituição, é força entender, que de todas as economias mais rasoaveis e poderosas será a caridade a mais poderosa e rasoavel. Não vivemos nós entre esses povos em que a densidade da população está reclamando extraordinarias providencias: Malthus não podia ter nascido senão em Inglaterra. Se é verdade pois, que no banquete da vida todos em Portugal podem ter o seu talher, não regatiemos o obolo da caridade, abandonando nossos irmãos aos horrores da miseria, e aos horrores ainda mais horrorosos de uma infamia mal cabida. Porque o vicio arrastou para o grande abysmo algumas almas, nem por isso tambem as havemos de desprezar: a luz da razão perdida póde tornar a accender-se, a vergonha dos sentimentos abandonada póde tornar-se a recobrar-se: a primeira mulher tambem foi tentada, e o genero humano nem por isso deixou de rehabilitar-se. Quantas a miseria atirou ao fundo! Quantas a innocencia enganada, quantas o exemplo e a depravação do seculo, quantas a cegueira da obediencia filial, e ás vezes um motivo de mais sublime pasmo, em que a virtude é o guia, o fio conductor para o crime! A todas essas a caridade dê a mão para se levantarem, a todas erga e chame para o seio de Deus e dos homens, a todas soccorra e allivie em suas afflições.

Estes motivos por certo não escaparam á administração, e d'ahi procede a prudentissima reserva que tem guardado relativamente á admissão das mulheres gravidas. Ha mesmo quem diga que os regulamentos já são exigentes e rigorosos em extremo obrigando a certas inquirições, de que se póde offender uma melindrosa e mal aventurada honestidade. Entretanto bom é que se saiba que taes indagações são apenas uma leve demonstração da vigilancia da auctoridade, uma cautelosa e indirecta restricção ás francas admissões. As mulheres não ignoram, que alli tem de articular o seu nome, filiação e naturalidade, estado e profissão, e isto é quanto basta para que muitas prefiram occultar domesticamente a offensa que fizeram á honra que deixal-a perpetuamente estampada nos registros do hospital. A administração nunca passou além destas simples averiguações, nem consentiria, que alguem estranho as fizessem. Até aqui apenas tem servido para a estatistica do estabelecimento. São pois infundados todos os receios que podesse haver a similhante respeito.

Este systema, digamol-o francamente, não póde deixar de ser louvado. Entretanto, de todas as mulheres que annualmente se recolhem á enfermaria de Santa Barbara, apenas algumas em numero mui diminuto, levam os filhos quando saem; a maioria entrega-

os logo depois ao zelo da caridade publica. O numero dos infantes, que todos os annos vae do hospital para a misericordia é por extremo consideravel, e reclama imperiosamente a sollicitude da auctoridade. Escuso demonstrar a ponderação deste gravissimo facto! Basta recorrer aos registros do estabelecimento, e apresentar a estatistica desta especie de expostos.

Eu extrahi para estas reflexões apenas o numero dos que nestes ultimos vinte annos têem sido enviados para a casa da misericordia.

Em	1832	foram	120
»	1833	»	106
»	1834	»	97
»	1835	»	100
»	1836	»	122
»	1837	»	148
»	1838	»	150
»	1839	»	140
»	1840	»	128
»	1841	»	177
»	1842	»	162
»	1843	»	183
»	1844	»	170
»	1845	»	201
»	1846	»	200
»	1847	»	245
»	1848	»	210
»	1849	»	200
»	1850	»	211
»	1851	»	216
»	1852	»	180

Já se vê quanto é consideravel o numero destas exposições. Olhando para os algarismos referidos nota-se que a quantidade dos expostos vae crescendo successivamente, de 1832 por diante. Esta proporção não é contínua nem regular, faz-se interpoladamente, mas comparando os dois annos extremos de 1836 e de 1847, observa-se uma differença para mais de 145 expostos, proporção que não coincide de certo com o augmento da população. Por outro lado se attendermos ás epochas em que as variações politicas teem produzido grandes abalos no paiz, achar-lhes-hemos o effeito nos citados algarsimos com uma regularidade admiravel. Escuso de os citar, porque os factos são contemporaneos e estão na memoria de todos. Limitar-me-hei a este simples apontamento — logo depois da restauração de 1833, o numero das exposições baixou á medida que se robusteciam as esperanças do paiz com a nova lei politica; em 1847 a quantidade dellas subiu espantosamente, e todos sabem e lamentam as desgraçadas occorrencias dos annos anteriores. Posto que a estatistica que appresento não tenha o valor provavel das inducções tiradas dos grandes numeros, a coincidencia que notei salta a todos os olhos. Estou quasi certo que a grande estatistica da santa casa da misericordia não invalida neste ponto a pequena estatistica do hospital. Eu sei que ha muitos outros elementos que podiam influir para o progresso das exposições, no entanto, como a miseria é a primeira e principal causa dellas, a estatistica neste ponto vem dar rasão ás conjecturas.

Dividindo em periodos quinquenaes o numero dos expostos a partir de 1833, vê-se que entraram

de 1848 a 1852.....	1017
de 1843 a 1847.....	999
de 1838 a 1842.....	757
de 1833 a 1837.....	573
Somma...	3346

Aqui a proporção é muito mais visivel; a progressão é contínua. Comparado o quinquenio de 1833 a 1837 com o de 1848 a 1852 vê-se que o numero dos expostos duplicou, pouco mais ou menos. Isto denuncia claramente um soffrimento, um estado lamentoso, que é necessario estudar, partindo sempre do principio que a população não cresceu sensivelmente, nem officialmente ha indicios de que tenha augmentado. E agora farei notar que a miseria é o principal elemento que influe sobre esta especie de exposições. Para o hospital, como já apontei, entram mais exclusivamente as mulheres gravidas, que por falta de meios não podem com as despezas, que trazem necessariamente o parto e a creação do filho. As que alli se recolhem para occultarem ás familias ou ao publico o resultado de uma concepção illegitima, são em numero diminuto, como pela pratica tenho observado, e não infirmam nem alteram aquella consequencia.

As estatisticas geraes dão para as creanças no 1.º anno da existencia 25 por cento de mortalidade; e entre os expostos de metade pouco mais ou menos. Destas 3346 que do hospital foram enviadas para a misericordia de Lisboa, morreu provavelmente metade, quer dizer 1673, das quaes 837 existiriam ainda no fim do primeiro anno se tivessem sido confiadas ao amor e cuidados maternaes.

Esta conjectura, de si já tão deploravel, é ainda agravada pelas circumstancias que dão motivo a taes exposições. Para a roda entram todas as creanças abandonadas por seus paes, qualquer que seja o motivo dessa offensa aos deveres da moral e da religião; aquellas, porém, que são enviadas pelo hospital, procedem pela maior parte de uniões illegitimas entre pessoas miseraveis, e trazem commumente em sua organisação impresso o resultado fatal da miseria em que foram geradas. A fraqueza da arvore reflecte-se na debilidade e acanhamento do fructo; o vicio que lhe corroia as fibras não raras vezes vem estampado em toda a physionomia do filho. Como para castigo providencial dos immundos laços que a religião condemna, tenham o vicio e a depravação por natural herdeiro um ente viciado e arruinado nas fontes da existencia. Eu estou por conseguinte inclinado a acreditar que se acaso se fizer a estatistica comparativa da mortalidade entre os expostos procedentes do hospital e os das outras diversas origens, se encontrará uma differença sensivel em favor destes ultimos.

Haja, porém, ou não, é certo que a mortalidade dos expostos nas casas de misericordia, não sómente nossas, como estrangeiras, é sempre espantosa apesar de todas as reformas estabelecidas em nossos tempos em todos os asylos desta especie. A questão tem sido estudada pelas administrações, pelos governos, por homens especiaes que se tem dedicado a esta caridade com todo o zelo e amor do proximo

que ella reclama, e está ainda inteiramente por decidir. Os resultados fataes de todos os estudos, de todos os inqueritos, de todas as estatisticas, vem sempre resumir-se a final neste temeroso axioma:—Que a mortalidade é consideravelmente maior nas casas de exposição.

Agora a respeito dos que restam note-se a despeza enorme que a sociedade faz, os poucos recursos de que póde dispôr para esta obra de caridade, e os resultados que obtem. Quando uma instituição, apesar das reformas nella introduzidas, dos melhoramentos que o tempo e a sciencia tem julgado prestantes, não preenche os fins para que foi destinada, não lhe procuremos os vicios e defeitos, para os emendar e corrigir, que é obra quasi sempre inutil, vamos ao fundo do pensamento que a creou, e acharemos então a verdadeira causa da sua improficiencia. A machina trabalhava perfeitamente com as molas que lhe puzeram, ainda trabalhou melhor com as que lhe addicionaram; a obra, porém sáe sempre incapaz para os usos actuaes; é pol-a de lado, e fabricar outra diversa. A roda foi inventada como remedio á mortalidade das exposições na via publica, aos infanticidios e abortamentos criminosos. Cremos que como instituição já fez o seu tempo, deu o que podia dar, e brevemente terá de ser abolida. É pelo menos para esta solução que tendem os estudos modernos.

Entretanto esta convicção não está em todos os espiritos; entre nós mesmo onde as questões da caridade começam apenas a ser esboçadas, poucas adhesões encontrará aquella providencia radical de que fallei; convindo notar que mais que em nenhum paiz cumpre abolir em Portugal o systema que rege as casas de misericordia.

(Continua.)

PARTE LITTERARIA.

O FIM DO SEMESTRE.

Estudos biographicos e necrologicos.

POR UM PHILOSOPHO.

IX.

A adela conhecia bem o terreno em que tinha de manobrar. Os amuos do sr. Ambrosio eram para ella a coisa mais indifferente do mundo, e, com a vaidade propria do sexo, contava bater o colega nos seus ultimos intrincheiramentos.

—« Então, thia Thomazia, que temos de novo? » Perguntou o usurario, enterrando até ás orelhas um velho barrete de algodão, de que usualmente se servia quando tinha de ficar até mais tarde a esfolar as algibeiras do proximo.

—« Saíu tudo á medida dos seus desejos. Um lá vae pela barra fóra, e a outra ouvi dizer, já esta manhã, que se recolhia a um convento. Está satisfeito? »

—« Quem? Eu?! Ora a thia Thomazia ainda me não conhece; que interesse posso eu ter na desgraça alheia não me dirá? »

—« Não brinque, olhe que eu ainda sou a mesma. » Replicou a adela, medindo-o de alto abaixo, e conhecendo-se-lhe nos olhos o desejo de romper n'uma daquellas diatribes, que ella manejava com uma verbosidade e proficiencia digna de melhor assumpto, e continuou:

—« Então não querem vêr o santinho! Em que egreja se baptisou Satanaz, não me dirão? Chore um bocado a vêr se o acredito! Ora esta! »

—« Tenha conta na lingua, senhora. Lembre-se que estou em minha casa, e que não gosto de grandes discursos. Intendeu? »

—« Ah! Agora quer metter medo á criança! Sou pouco assustadiça, compadre; desde que deixei o berço não temo do papão, e demais senão queria não se mettesse nas coisas. Hei de fallar, hei de fallar, e hei de fallar... »

—« Thia Thomazia não me perca! » Replicou o usurario, dando estalos com os dedos, e mordendo o beiço inferior, o que era no sr. Ambrosio signal evidente de colera.

—« Deixe estar que se não perde, não se assuste; em quanto houver a quem roubar vae o senhor bem!

—« Roubar! Veja como falla, mulher! »

—« Roubar! Ouviu bem, homem? Então não está hoje todo melindroso. Fez confissão geral, colega? A penitencia dava-lhe eu, e pequena para o seu muito merito—as galés, meu amigo! » O usurario teve suas idéas de a esganar; depois, lembrou-se que os mortos não pagam juros e estremeceu: por fim não se poude conter, e, enterrando o barrete quasi até ao pescoço, e ficando com as orelhas escarlates proseguiu.

—« Sem companhia era impossivel, thia Thomazia. Escuso de pôr mais na carta. Se eu sou o que diz, a colega é o que me não convem dizer, e se eu mereço as galés, na costa de Africa ainda cabe á vontade mais uma mulher. Percebe? » A adela impertigou-se n'um momento de despeito, e os oculos, aproveitando-se da occasião, escorregaram-lhe pelo nariz abaixo, difficultando-lhe a respiração, e tornando-a hedionda de feia que já era.

—« Bem, jogaremos com as cartas na meza. Para villão, villão e meio. Eu lhe farei pagar bem caro a insolencia com que um João ninguem se atreve a insultar-me. Deixe estar que as não perde. » O sr. Ambrosio, á palavra *pagar*, ía caíndo sem sentidos; receber, injurias que fossem, era para elle mais suave que a maldita palavra contra que sempre se rebelára. Voltando a si do primeiro pasmo que lhe causára a ameaça da adella, o usurario entrou a pensar que mais valiam as pazes, e balbuciou as primeiras phrases de um armisticio.

—« Oiça, thia Thomazia, tenha juiso... »

—« Peça para si, que não pede pouco. » Respondeu a adella, crusando o capote, e dispondo-se a fazer um tal motim que a visinhança não podesse

deixar de accudir, e de vêr pelos seus proprios olhos a miseria do — golfinho — como lhe chamavam no bairro.

— « Já lhe disse, peça para si, que não pede pouco. »

— « Mas, venha cá; que necessidade tem v. mercê de levar as coisas logo ás do cabo, e de se pôr a dizer palavras que realmente um homem de bem não póde ouvir? »

— « Ah! Começa! Se quer fallar deixe-se de hypocrisias. Commigo perde o tempo. Quem não o conhecer que o compre! Adeus, adeus, temos fallado de mais. Está sempre no seu costume — muita parra e pouca uva! »

— « Tátá... tátá... tátá! Ora v. mercê, thia Thomazia, está hoje como eu nunca a vi: as coisas podem-se dizer de vagar, que necessidade tem a colega de fazer com que a visinhança saiba dos nossos pôdres? »

— « Tão santo não sei de que teme! Eu cá sim, que sou peccadora; mas o sr. Ambrosio só por modestia é que póde querer que lhe não fallem na vida. »

— « Começamos, collega? »

— « Tomara eu acabar, mas o que eu não sou é tola, para andar dois dias ao seu serviço a gastar as solas dos sapatos, para ainda por cima o senhor se pôr a pregar virtudes, e a fazer dos outros gente de pouco mais ou menos. Não, lá isso está enganado. »

— « Mas, eu não lhe pedi nada... »

Este era o ultimo reducto a que o usurario se recolhia, para vêr se se poupava ao trabalho de abrir a burra, e de remunerar a adella.

— « Não me pediu nada! Então ouvem-no? Que o senhor se apaixonasse era tolice; mas vá. O espelho se encarregaria de lhe demonstrar que com a sua cara era impossivel, e mais tarde ou mais cedo pagaria o seu desvanecimento. Mas, dizer que me não pediu nada! se o amor lhe não levou tambem a memoria, ha de permittir que lhe diga que é uma tremenda pouca vergonha. »

O usurario caíu outra vez das nuvens. A descripção ridicula que acabava de ouvir da propria physionomia tornou-o furioso; e o não se poder escapar das garras da adella de uma melancolia assustadora para os seus amigos, se os tivesse.

— « Pois pedi. Pediria... »

— « Duvida ainda? Faço-lhe a honra de o comparar commigo; nós não costumamos exigir senão o que se nos deve e mais nada. Se me não tivesse mandado em seu serviço, não era por divertimento que eu andaria a correr por essas ruas, mentindo aqui, intrigando acolá... »

— « Disso é que eu não tenho culpa. Replicou o usurario, a vêr se podia diminuir o salario á thia Thomazia. — Que culpa tenho eu? »

— « Toda. Foi para bem o servir que eu esperdicei os meus passos. Como não tinhamos feito preço, quiz servil-o bem para que me não pagasse peor. »

— « Ah! Então a questão é de dinheiro! » Respondeu o sr. Ambrosio fingindo-se admirado, e fransindo o sobrolho.

— » Pois de que havia de ser! De palavras? »

— « Não digo isso, mas de gratidão. »

— « De quem? »

— « Da minha parte. «

Resmungou o usurario já meio desorientado com a logica da adella.

— « Então sempre o compadre foi o servido? »

— « Pois quem o nega? »

— « Até que emfim, apanhei-o. Meu amigo, a gente não anda no mundo por ver andar os mais, e as lições de um tão bom mestre não podiam nunca ser perdidas para um discipulo que não fosse de todo tolo. »

— « Obrigado. Isso é lisonja. »

— « Creio que é sinceridade. Senão veja o que me custou a obrigal-o a confessar que eu fôra simples instrumento dos seus bem combinados planos. »

— « Isso agora é que é modestia! O seu credito está já bem estabelecido, não carecia de mais provas. E depois, nem tudo foi meu. O desejo sim... mas os resultados pertencem-lhe. »

— « Não nego. »

— « Ah! não nega!... » exclamou o usurario, julgando triumphar, por esta vez, da esperteza da sua collega.

— « Não o nego; e por isso vale mais dinheiro o meu trabalho. Idéa, plano, combate e victoria é tudo meu. Gosto de o ver fazer justiça. O compadre faz-se, mas não é mau! »

O usurario hia cahindo da cadeira em que estava sentado. Via diante de si aquelle abutre insaciavel do seu dinheiro, e não sabia como a havia de pôr na rua, nem como a poderia convencer a receber menos daquillo que ella suppunha que lhe devia pertencer. O sr. Ambrosio estava sem pinga de sangue nas veias; meio em delirio, estava quasi a gritar — Aqui d'El-rei! — quando a sua boa estrella lhe suggeriu de repente um expediente, pouco honroso é verdade, mas pela força dos que usualmente costumava empregar em circumstancias difficeis.

— « Bem, thia Thomazia; pagarei o que devo; o que resta é saber quanto, em o sabendo satisfarei. Vamos, diga. »

— « Eu não costumo regatear. O compadre é generoso, dê o que quizer. Com tudo me contento. »

As idéas da adella eram completamente differentes do que as palavras exprimiam, mas fazia em proveito proprio o sacrificio das suas opiniões e sentimentos. O usurario levantou-se e foi direito a uma gaveta — a thia Thomazia estremeceu de prazer.

— « Aqui tem, comadre. Pelo seu trabalho. » E sorrindo com um ar de uma suprema velhacaria, entregava-lhe um relogio de prata que a adella, meia desconfiada, escondeu rapidamente no seio receiando que o collega mudasse de opinião.

— « Então, está satisfeita? Porque não disse logo o que queria, escusavamos de estar a altercra

um com o outro, que foi mesmo uma vergonha. »

— « A culpa de quem foi? Minha, de certo não, que sou sua amiga, que o aprecio no que vale, que nunca duvidei ser remunerada cavalheiramente... que o conheço de ha muito... »

O sr. Ambrosio sorria. Era chegado o momento da vingança. Os juros estavam accumulados, o capital tinha crescido e augmentado, faltava só fazer a entrega ao jurista. A adella, parece impossivel, estava com uma tal paz de espirito que era para pasmar. Debaixo dos pés se armam os trabalhos. Verá o leitor o desfecho e desmoronamento da antiga sociedade que girava sob a firma do sr. Ambrosio, mas com que não lucrava só elle. Não antecipemos, e assistamos ainda ás despedidas dos dois consocios.

— « Então, adeus, sr. Ambrosio, muito obrigada. »

— « Adeus, collega. Apareça; eu sempre sou o mesmo especialmente para os amigos. » E abraçaram-se.

— « Se tornar a precisar de mim... »

— « Não me esquecerei do seu prestimo. E tornaram de novo a abraçar-se com uma cordialidade e effusão dignas um do outro.

Apenas a adella tinha tempo de chegar ao fim da escada, e já o sr. Ambrosio estava á janella gritando com toda a força dos pulmões:

— « Ai! que me roubaram! — Quem apanha essa mulher!... Fiquei perdido! quem sabe o mais que ella levará — a ladra!

É escusado dizer que a rua immediatamente se coalhou de gente, e que a adella era entre apupos levada a presença das auctoridades. No burburinho, a adella perdera os oculos, e o usurario ria ás bandeiras despregadas do feliz exito da sua lembrança!

X.

Vamos satisfazer ao titulo desta historia, dando conta aos leitores do destino que levaram os dois collegas que tão dignamente teem figurado no decurso desta narração.

A thia Thomazia, apenas se viu presa, começou a a vociferar contra o collega n'um vocabulario tão fertil e abundante de pragas e termos chulos, que ninguem duvidou um instante que similhante linguagem fosse a propria da mulher que acabava de cometter um roubo em pleno dia, e que encarava a policia com um estoicismo digno dos seus precedentes. Cada dia porém que passava, era para a adella um terrivel suplicio. Pouco forte da sua consciencia, temia que lhe acontecesse o que por fim lhe succedeu, e que a calumnia do usurario désse margem a mais sérias e mais fundadas suspeitas sobre a sua vida passada. Com effeito a vida da thia Thomazia, de que apenas apresentámos aqui um episodio, era um fertilissimo romance de adroeiras e ruins acções.

Tendo morado em todos os bairros da capital, leralhe impossivel tirar folha corrida em qualquer delles. Para remate de uma gloriosa carreira — a thia Thomazia fôra bigama antes de enviuvar pela terceira vez! A quasi prophecia do usurario cumpriu-se em toda a sua plenitude — na Costa d'Africa ainda havia logar para mais uma mulher — e a thia Thomazia obrigada a viajar contra vontade não se fartava de contar a quem a queria ouvir os improvados roubos do sr. Ambrosio, e mil anedoctas, repassadas de fel, que se para a justiça servissem de provas eram de levar á forca o antigo alliado da adella. Felizmente para o usurario a thia Thomazia era suspeita nas suas narrações: sem o que não seria impossivel encontrarem-se ambos ainda em clima pouco favoravel aos ataques de asma de que o sr. Ambrosio padecia bastante. Em quanto a este, durou ainda algum tempo depois do heroico exilio da fogosa Cleopatra com quem annos antes vivera em tão santa paz, e sincera harmonia.

A morte porém de um devedor abreviou-lhe a existencia. Perder uns juros era para o usurario um grande golpe — mas perder tambem o capital era uma desgraça superior ás suas forças.

Parece comtudo que morrera arrependido, e legara por testamento uma pensão vitalicia de pão e carne a Generoso, naturalmente remorsos das muitas fomes que fizera passar ao pobre animal. Não se atreveu porém a dispor do resto da sua fortuna, receioso talvez de ressuscitar, e de não ter um capital disponivel para o negocio.

O que parece impossivel é que o sr. Ambrosio achasse tambem quem lhe escrevesse a necrologia, e que entre outras coisas banaes, se atrevessem a chamam-lhe — um exemplar de virtudes!

A terra lhe seja leve.

L. A. PALMEIRIM.

VII

DESENGANO.

> E o que era o teu amor que m'embalava
> Mais do que meigo som de meiga lyra?
> Um dia o decifrou, não mais, que um dia
> — Fingimento e mentira!
>
> G. DIAS.

Chora, chora minha harpa desditosa!
É teu fado chorar!
Não tens no mundo um coração de virgem,
Que intenda o teu amar.

Os prazeres, que ao longe me sorriam
Na sombra desmaiaram:
Tudo fugiu! só me ficaram dores,
Só prantos me ficaram.

Julguei donzella que um sorriso apenas
Era a felicidade;

Deste-me risos, e encontrei sómente
Traição e falsidade!

Julguei que eras um anjo de candura
Um typo de belleza:
Eras bella, porém, sob essas fórmas
Se occultava a fereza.

E eu te amei tanto; n'esse tempo ainda
Eras virgem dos céus,
Amor mais forte nunca o houve, nunca!
Nem de homem nem de Deus.

E tu sorriste quando a dor amarga
O peito me opprimia;
Fizeste-me esgotar inteiro o calix,
Que em tuas mãos bebia!

Eras tão bella... est'alma era o teu mundo,
Mas findou-se esse amor;
Já não quero donzella o teu sorriso,
Gozei-o, era traidor.

Agora só me resta sobre a terra
Uma esp'rança sómente,
Quero meus dias prantear acerbos
Na minha harpa gemente,

Virá depois a lage do sepulchro
Meus restos encobrir,
Livre então d'este mundo o somno eterno
Sosinho irei dormir.

VIII

A ESPERANÇA.

Hope humbly then.....
Wait the great teacher Deat and God adore:
What future bliss he gives not te know,
But gives that hope, to be ty blessing now.
POPE.

I

Quem és tu, linda flor de minha alma,
Oue assim vens o meu somno embalar?
Quem és tu, que me dízes se eu amo,
« Vive, oh poeta. que a vida é amar.

Quem és tu que te mostras em tudo
Sempre bella doirada de luz,
Que me levas, me fallas, me animas?
Quem teus passos na terra conduz?

Quando penso tu pensas commigo,
Quando folgo tu folgas tambem,
Mas se choro teus labios teus olhos
Nem gemidos, nem lagrimas têem,

« Sempre ávante! Caminha, tu dizes,
« Não, não pares dos homens és rei;
O futuro te espera, que temes
Se elle é teu, se comtigo serei?

Ergue a fronte, que importam os cardos
Se por elles á gloria se vae,
Se te amparo, se firmas os passos
São do genio que marcha e não cae?

E comtigo sonhando eu caminho,
E por ti oh donzella sou rei;
Limpo o pranto que as faces me rega,
Dou aos homens, aos mundos a lei.

II

Oh! que quadros de amor e doçura!
Oh! que bello, formoso viver!
Tu o queres? ávante; caminha;
Será teu, será teu té morrer!

E caminho, e caminho, e que encontro?
Só agrura, só fezes, mentira!
E minha alma descae desfallece
E frenetica acorda, e delira.

Porque gemes, que scismas, que esperas?
Marcha, marcha, parar é cair:
Mais além o teu premio te aguarda.
E que premio, que premio hade vir!

Negros olhos que firmes scintillam,
Que a teu peito só sabem fallar,
E carinhos, e ditos e preces,
E que beijos de amor, e que amar!

E tudo isso onde está? o que encontro?
E tudo isso que foi? um sonhar!
Quem és tu que me dizes « espera »
Para apenas de mim só zombar?

III

Não vês tu entre as turbas revoltas,
Nas cidades, no mundo tua fama?
Eia ávante! que o sonho é tão bello;
Eia ávante! o futuro te chama.

Que ha mais alto, mais puro, mais nobre?
As estatuas, columnas, a historia,
Vêr tudo isso do chão levantar-se
Para ao mundo contar a tua gloria!

E que resta dos sonhos formados?
A verdade, o soffrer, o martyrio,
Tudo o mais foi um sonho bem louco,
Tudo o mais foi apenas delirio.

Quem és tu linda flor de minh'alma,
Que assim vens o meu somno embalar?
Quem és tu que me dizes a eu amo,
« Vive, oh poeta que a vida é amar?

Quem és tu? és de Deus a bondade,
Es o bello, o divino, o ideal,
És o mundo da mente do bardo,
És o amparo do fraco mortal.

A esperança... a esperança é a vida,
Só por ella, só quero viver,
Que inda vejo atravez do futuro,
Que inda d'elle não posso descrer.

Se um engano só fôr, outro sonho,
Outro sonho mais bello terei,
E por ti n'este mundo embalado
Sempre, sempre feliz vivirei.

E depois mesmo após quando a morte
Para sempre meus olhos cerrar,
Terei fé n'outra vida, no Eterno
E inda n'ella, inda n'ella heide esp'rar.

IV

HOMENAGEM.

Hail, holy Light! offspring of heaven first born!

MILTON.

Oh! nunca viste, não, do céu, do abysmo,
Do mar, da terra penetrando o seio
A donzella immortal de lindas fórmas?
Nunca lhe viste a face magestosa,
Onde um raio de Deus vem reflectir-se,
De fulgor abrasada em meio dos homens
Luzir, esmorecer, erguer-se ainda,
Mas cada vez mais pura, mais formosa,
Sempre donzella, immoredora sempre?
Nunca a viste de incensos perfumada
Alçar-se ás vezes, imperarem thronos?
(Pygmeos para seu brilho que na terra
Não ha diadema que lhe crôe a fronte,
Nem esmeraldas, nem rubins, nem perolas
Que lhe tapizem do poder a estrada)
Outras vezes no fundo das masmorras,
Dos despotas ao mando arremessada,
Que julgam loucos do soffrer no equle
Abafar essa voz, que brada eterna,
E eterna fulge ao som da tempestade?
Nunca a avistaste? nunca? Oh! como é bella!
Mas quem lhe póde vêr as feições todas,
Notar-lhe as graças, o pudor, o encanto,
E os aromas beber que se evaporam
De seus cabellos negros, entrançados?
Quem lhe póde sorver o doce alento,
E n'elle os céus, a infinidade, a vida?
Poucos, bem poucos: do saber o facho
Não morre, mais que o fogo sacrosanto
Das ciosas vestaes arde guardado,
Como o sol do Senhor, imagem grande
Não tem occaso dos mortaes á vista,
Não tem limites, não. O sol não passa
Talvez de pobre lume, que abrilhanta
Uma parte do céu; maiores que elle
Talvez outros vagueem pelo espaço
Dando luz e calor a mundos novos;
Mas o saber, a luz do pensamento
Onde vae estacar, onde sua méta
Se atrevida transpondo o ar, o abysmo,
Lá se entranha no empyreo além dos astros,
E até louca, do Eterno ousa a existencia,
E o poder devassar? O que é aquelle
Orbe de fogo, rei do firmamento
Comparado com esta? Um ponto apenas.

Salve! filha dos céus, imagem santa,
Da corôa de Deos scentelha eterna!
Que divagas na terra bemfazeja,
E fugitiva do eternal assento
Os divinos prodigios patenteias!
Se não fosses do céu, como tuas formas
Não seriam murchadas, talvez mesmo
Redusidas a pó? Como teu rosto
Não seria crivado dos mil golpes
D'esses que ousaram barbaros pizar-te
Blasphemar do Senhor, deixar-te as aras?

Quando co' pêso, e o ferro dos guerreiros
As terras do gigante portentoso
De mêdo se afundaram; quando o estrago
A assolação, a morte, a tyrannia
Teus altares, tuas obras derrubaram;

Tu não morreste, não; voltaste á patria,
E do solio de estrellas, em que vives
Uma faisca ás vezes sobre os homens
Tu fizeste luzir. Eil-as; de novo
As terras do Oriente se levantam;
Mas tu sempre fulguras, não pereces,
Nunca teu brilho, nem teu fogo esvae-se
Salve! dos céus ó filha sacrosanta.
Salve! da eternidade eterna filha!

Vês-lo acaso? Lá morre condemnado
O precursor da santa lei de Christo:
Lá morre, sim, por ti, por ti sómente,
Pela luz da sciencia, e das Hellenas
As lagrimas, as vozes lhe erguem templos.
Aquelle sobre a enxerga o extremo arranco,
O extremo suspirar da vida entrega
E nos braços da morte a gloria avista?
Nos cadafalsos, no hospital, nos ferros,
Nos barbaros castigos inventados
Pelos filhos do inferno, eis como acabam
Os teus fieis intrepidos cultores!
Mas se de ti emanações sagradas
Elles acaso são, vão lá comtigo,
Lá onde o teu brilhar esconde a origem,
Beber inspirações, beber mil vidas.

Salve! filha dos céus, imagem santa!
Poucos vêem-te a face, os escolhidos
São raros; mas quem cego não te nota
Do perfil uma linha, um só contorno?
Quem não te avista as roupas alvejantes,
Quando o páram o étheres atravessando
Lanças em teus olhares sobre a terra
As magicas scentelhas, que despertam
De emaginar o vôo adormecido?

E quem não ama o teu sagrado fogo
Seja embora atravez de espessa nevoa?
Quem não ama aquecer-se á luz brilhante
Do sol, quando da terra a fria neve
Entorpecido tem os pobres membros?
Quem costuma escutar do mundo as vozes
Como não amará ouvir os hymnos,
As sublimadas notas que vagueiam
Pelo espaço e puro firmamento?
A ti, pois, ó sciencia, a ti meus votos!
Eu esfriado pelo inverno intenso
Da athmosphera da vida, a ti meus votos!
Salve, filha dos céus, imagem santa!
Da corôa de Deos, scentelha eterna!

JOSÉ RAMOS COELHO.

COLOMBO

Poema epico do sr. A. Galleano Ravara.

O distincto poeta sr. A. Galleano Ravara, cujo talento é bem conhecido, não só pelo seu *Album Italo-Portuguez*, collecção de lindas poesias, dedicadas a s. magestade el-rei D. Fernando, como tambem por outras composições, com algumas das quaes temos enriquecido as columnas deste jornal, brevemente nos deixará dirigindo-se a Hespanha a offerecer a s. magestade catholica a dedicação do seu poema epico, *Colombo*, que está compondo, e que lhe vae por certo adquirir um titulo honroso entre os poetas contemporaneos.

Consta-nos que o sr. Ravara fôra já apresentado ao ministro de Hespanha nesta côrte, que o acolhera com summa benevolencia, e lhe offerecera valiosas recommendações para varias notabilidades politicas e litterarias do reino visinho.

O sr. Galleano Ravara aproveitará esta occasião para introduzir naquelle paiz, e mais tarde na Italia, o admiravel methodo de leitura repentina do sr. Castilho, que tantos prodigios tem já operado entre nós.

Se, pois, sentimos por um lado a ausencia do sr. Ravara, cujo merecimento e delicadas maneiras o tornaram estimado de todos, e que com tanto empenho se esmerara em diffundir nesta terra o conhecimento do bello idioma italiano, consola-nos a idéa de que elle vae encontrar uma sorte brilhante, e o futuro de gloria a que aspira.

Em seguida publicâmos alguns trechos do poema *Colombo*,—o argumento, dedicatoria, e alguns dos versos do 1.° canto, que tivemos o gosto de ouvir lêr ao auctor.

DEMETRIO RIPAMONTI.

A Colombo dormente un angiol scende,
E del Signor la voglia manifesta;
Di Colombo lo spirito s'accende
Ed all'impresa con fervor s'appresta;
Ma Belzebù, che la novella apprende,
L'opre solerti del Cristian molesta;
Ed a Genova, a cui que chiede ajuto,
Ispira la sentenza del rifiuto.

——

Canto le navi ardite ed il nocchiero
Che diede novi regni al Sire Ispano,
Di feroce gentame condottiero
Ebbe a lottare coll'orgoglio umano
Nemico incorregibile del vero;
Ma le procelle e l'uom sorsero invano
Contro di lui, chè sul felice acquisto
Il vessillo immortal erse di Cristo.

A te mi volgo, alma propizia stella,
Che delle altre maggiore, il firmamento
Allumi di tua luce casta e bella,
Quando nel furiar dell'elemento
Tra le chiome dei turbi, in tua favella
Hai pel nocchiero un profetante accento,
Così come dei Magi in sul cammino
Splendesti guida al Pargolo Divino.

Dedicatoria a s. magestade catholica.

E tu Regina della terra Ibera,
Che d'Isabella le virtudi e'l senno
Tieni nell'alma; e tale sei qual era
La regal protettrice ch'or t'accenno;
Tu che del nome nobilmente altera
Ad opre belle hai sempre pronto il cenno,
Onde simile attingi a quella il vanto,
L'orecchio porgi all'Italiano canto.

Forse tempo verrà nè par lontano
Che sul tuo suol, che tanto scalda il sole,
Commosso all'operar del Genio Ispano,
Io dia l'omaggio a te di mie parole;
E sull'arpa fatidica la mano
Non tremi più, ma più superba voli
La mia canzone al soglio tuo temuto,
Ov'ora umil si reca il mio tributo.

Che nella mente stammi alto disio
Di votare a te sola un scelto carme,
Come sul Tebro o sovra il Po s'udio
D'arpe possenti disposate all'arme;
Che se si dica fiacco il plettro mio
Tu basti col tuo Nome ad afforzarme
L'alte pietà nell'alma tua racchiusa
Anche a vate codardo è balda Musa.

NOTICIAS E COMMERCIO.

Caminhos de ferro. — Lê-se no *Semanario de ferro-carriles*, de Madrid. — « As obras da linha valenciana proseguem sem interrupção, e Xátiva terá mui breve á vista as locomotivas que hoje espargem a vida e a alegria nas ribeiras do Júcar.

Alicante sustenta a sua nobre emulação pelo ramal de Almanza, postoque se ache quanto a trabalhos nas modestas proporções a que até agora é permittido aspirar; como indicámos em um dos anteriores numeros, de facto daria esta empreza mostras de pouca actividade, se na construcção da linha se empregasse o largo praso que a concessão estabelece; temos rasões de esperar que as locomotivas de Albacete não chegarão a Almanza ou para melhor dizer a Vilhena, sem encontrar os rails que hão de leval-as ao porto de Alicante.

Momias. — Um habitante de Santander que no principio deste mez recolhera de uma jornada que fizera até Alar del Rey, referiu terem-se encontrado nas excavações para o caminho de ferro que hade passar naquella direcção, e que se denomina *ferro-carril de Isabel II*, e no sitio de Congosto, quatro momias, uma pedra com inscripções quasi apagadas e algumas moedas dos romanos. Parece que em tempos destes dominadores do mundo, existira a cidade de Oliva naquellas localidades.

Expedições navaes dos Estados-Unidos. — Parece que a primeira destas emprezas dispendiosas tentadas pela grande potencia americana, partiu já para o Japão, segundo escreve o *Morning Advertisser*, com o objecto exclusivo de entabolar relações de amizade e commercio com aquelle imperio. Leve uma infinidade de coisas que deve offerecer como presente ao imperador do Japão afim de predispor e tornar mais propicias as negociações; e além disso uma locomotiva e os carris para dar a conhecer o serviço de um caminho de ferro áquelle povo, um apparelho telegraphico para inicial-os nos progressos maravilhosos da civilisação; e tambem apresentará ao imperador um daguerreotypo.

Egualmente vae provida de um grande numero de productos fabris para dar uma idéa da industria americana, e vêr se podem facilitar a troca de generos de commercio entre o Japão e os Estados-Unidos.

A expedição que se aprompta para explorar os mares da China, o norte do Oceano Pacifico, o do estreito de Behring tem relação com os projectos da esquadra que vae ao Japão. Essa expedição além dos 125:000 duros votados pelo congresso terá os auxilios de um astronomo, um engenheiro hydrogapho, e de um naturalista.

Fecundidade. — Na villa de Eixo acaba de dar á luz uma rapariga solteira, por nome Gertrudes, quatro creanças, dois meninos e duas meninas! um dos casaes era pegado pelas costas; destas creanças morreram tres.

Ceremonia religiosa. — No Porto a procissão da Trindade fez-se este anno com grande fausto, postoque nos anteriores se tenha celebrado com muita solemnidade. Lê-se n'um jornal daquella cidade: — « A figura que representava a Caridade na procissão da SS. Trindade foi a filha mais velha do sr. visconde da Trindade, o cavalheiro que levava pela mão era outra filha mais nova do mesmo sr., e a menina que completava o grupo das 3 era pertencente ao estabelecimento da *Creche*: quando recolheu a procissão foram entregues a esta innocente dois soberanos que cada uma das filhas do sr. visconde lhe entregou.

O hospital da Trindade ainda está puhlico na proxima quinta feira desde as 3 horas da tarde ate ás 7. A concorrencia de povo no domingo foi tão extraordinaria que mal se cabia nas differentes repartições deste estabelecimento que é preciso vel-o para admirar o acceio e bom gosto com que se acha tudo. »

Dansa de mesas, de chapéus e de pratos. — Tambem chegou a Coimbra a curiosidade de observar estes admiraveis phenomenos, que tanto tem excitado a attenção da Europa.

As experiencias repetem-se e multiplicam-se todos os dias. É um delirio e uma paixão a que não se resiste.

DECLARAÇÃO.

No artigo sobre a magistratura brazileira, publicado no n.º 28 deste jornal, ommittiu-se por descuido o nome do sr. dr. Drumond.